

proibir que se fizessem listas de solidariedade aos demitidos, mesmo as destinadas a arrecadar recursos financeiros”; o mesmo acontecia na *Tribuna de Imprensa*, “onde o sr. Nascimento Brito também é diretor e que há mais de dois meses não paga o salário da maioria de seus empregados da redação e revisão”<sup>(349)</sup>.

Na segunda quinzena de novembro, os jornalistas em luta por melhores salários procuravam divulgar o manifesto em que apresentavam as suas razões; nenhum dos grandes jornais o publicou; estavam eles na situação do “pedreiro Valdemar” do samba conhecido, que passava a vida a construir palácios para os outros, “sem casa para morar”. Só a pequena imprensa nacionalista acolheu o manifesto “Os jornalistas ao povo”, que começava esclarecendo: “Não temos imprensa para divulgar nossas reivindicações, para defender nossa causa, para esclarecer a opinião pública e para pedir a solidariedade dos trabalhadores”. Descreviam a intransigência patronal e a omissão do Ministério do Trabalho. Acusavam: “Talvez poucos saibam que um repórter auxiliar, um repórter de setor, um arquivista de jornal ganha apenas Cr\$ 20 374,00; que um ilustrador (desenhista), um repórter fotográfico, um repórter (como os que perdem a vida trabalhando para os jornais), ganha apenas Cr\$ 23 659,10; que um revisor ganha Cr\$ 23 430,40”, estando nessas categorias enquadrados cerca de 70% dos profissionais militantes na imprensa carioca. Com a adoção da nova tabela de salário mínimo, em vias de concretizar-se, passariam aqueles a receber menos que um trabalhador não qualificado. Os proprietários de jornais, que se recusavam sequer a discutir as reivindicações dos jornalistas, “havia aumentado, sem consulta de qualquer espécie e a quem quer que fosse, as suas tabelas de venda avulsa e as suas tabelas de anúncios”. Os aumentos destas estavam na percentagem seguinte: *Jornal do Brasil*, *O Jornal*, *O Globo*: 143%; *Correio da Manhã*: 124%; *Diário de Notícias*: 77%; *Última Hora*: 67%. O libelo prosseguia: “Os donos dos jornais alegam ‘dificuldades financeiras’, corrigidas pelas providências acima citadas, perante jornalistas cujo salários estão em terrível processo de deterioração desde 1944. Entretanto, nos últimos 15 anos, nem um único dos jornais em circulação – nem um único – deixou de ampliar suas sedes e oficinas, realizando custosas aquisições de prédios e máquinas, beneficiando-se de favores fiscais e elevados empréstimos do Banco do Brasil. Apesar das ‘dificuldades financeiras’, todos os proprietários de jornais são milionários, possuem fortunas pessoais feitas com a utilização dos jornais. As últimas eleições carregaram para os cofres

(349) Reportagem de Otávio Rangel, em *O Semanário*, Rio, de 16 de novembro de 1962.